

Teofrasto. *História das Plantas*. Tradução portuguesa, com Introdução e Anotação de Maria de Fátima Sousa e Silva & Jorge Paiva, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/ Annablume, Série “Diaita: Scripta & Realia”. 2016. 459 pp. ISBN 978-989-26-1192-1; ISBN Digital: 978-98926-1193-8; Doi: <http://dx.doi.org/10.14195-989-26-1193-8>.

MARIA FERNANDA BRASETE¹ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Esta obra, que apresenta a primeira tradução portuguesa da *História das plantas*, de Teofrasto (c.371-286 a.C.), resulta da colaboração de dois Professores da Universidade de Coimbra, uma helenista e um botânico, por forma a garantir uma tradução rigorosa do original grego, anotações de cariz científico fidedignas e índices precisos dos nomes (gregos e latinos, acompanhados da respetiva tradução) das plantas, de animais e vegetais, e ainda de topónimos.

Trata-se de um estudo monográfico, resultante do trabalho de investigação realizado no âmbito de um projeto transnacional e interdisciplinar, e inserido na Série “Diaita: Scripta & Realia”, sob a coordenação científica do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH).

Este volume apresenta-se, numa edição muito elegante, como um trabalho de erudição notável e um testemunho exemplar da frutuosa parceria que se pode estabelecer entre os Estudos Clássicos, nomeadamente a antiga Literatura Grega e outra área científica, como é o caso da Botânica.

O livro está organizado em três partes, correspondentes a uma introdução (pp. 11-52), à tradução portuguesa dos nove livros que compõem a *História das Plantas* (pp. 53-358) e a um conjunto de oito Índices (pp. 259-460), que se revelam muito úteis, porquanto apresentam as versões grega e latina dos nomes das plantas e dos animais, acompanhados da respetiva tradução portuguesa, bem como de topónimos.

A Introdução estende-se por onze secções, algumas delas subdivididas, sendo a última constituída por uma atualizada Biblio-grafia Geral, convenientemente repartida em “Estudos, traduções e comentários” e “Estudos”. Em termos muito gerais, poder-se-á dizer que esta parte introdutória fornece

¹ mbrasete@ua.pt

páginas bem documentadas e profundamente informativas sobre um leque de tópicos que garantem uma contextualização rigorosa da vida e obra do “discípulo mais brilhante de Aristóteles e seu continuador à frente do Liceu” (p. 14), bem como uma discussão crítica dos aspetos mais importantes, relacionados com a estrutura, composição e temática deste Tratado, sem esquecer, é claro, as contingências da sua transmissão. São debatidas ainda as principais questões atinentes à (im)precisão da nomenclatura científica numa ciência, que então nascia — a Botânica —, à gestão do processo científico, ou ao mencionado espaço geográfico, tão vasto, das espécies incluídas neste estudo. Atendendo a que “a *História das Plantas* associa o que podemos chamar Botânica propriamente dita, no seu sentido científico puro, à Botânica aplicada, que justamente explora as potencialidades úteis das plantas” (pág. 39), não é de estranhar que Teofrasto, a propósito dos usos das plantas, não se circunscreva às suas mais variadas aplicações no quotidiano. Se bem que concedendo uma atenção especial àquelas que possuem propriedades alimentares ou terapêuticas, são também indicadas as utilizações de determinadas plantas em atividades e indústrias específicas, destacando-se, por exemplo, as múltiplas utilidades da madeira.

No tocante à nomenclatura das plantas, dada a discrepância entre as terminologia vulgar e científica, por um lado, e a respetiva correspondência com os atuais nomes portugueses, ou mesmo o desconhecimento atual de algumas espécies, por outro lado, optou-se por “usar as designações vulgares, ainda que em notas de rodapé, seja estabelecida a correspondência com a designação científica em latim” (p. 45). Esclarece-se ainda que, sabendo-se que as taxonomias preliminares de Aristóteles e de Teofrasto foram, no século XVIII, substituídas por uma “nomenclatura científica, binominal em latim” (p.45), instituída pelo botânico e zoólogo sueco Carl Lineu, e que, posteriormente, se sucederam outros sistemas classificatórios até ao designado “Período da Biologia Molecular” (p. 47, n. 63), se procuraram colmatar as dificuldades terminológicas, extensivas à própria identificação das plantas, com notas de rodapé informativas, cientificamente rigorosas, muito úteis aos leitores/estudiosos contemporâneos. Como se conclui na Introdução, este primeiro tratado botânico da autoria do grego Teofrasto de

Éreso, é “um texto que serve à história da ciência, sem deixar de contribuir de modo relevante para a história da cultura e para a antropologia” (p. 49).

A parte central do volume contém a tradução portuguesa, realizada por Maria de Fátima Sousa e Silva, dos nove volumes da *História das Plantas* (gr.: *Περὶ φυτῶν ἱστορία*, *Peri phyton historia*; lat.: *Historia plantarum*), de Teofrasto de Éreso, o tratado botânico mais antigo, que influenciou muitos autores (nomeadamente Teócrito, Dioscórides, Galeno, Varrão, Virgílio e Plínio) até à época renascentista. A inserção de ilustrações antigas ou imagens fotográficas no início de cada um dos livros, a clareza de expressão, o rigor e a coesão de uma tradução que consideramos exemplar, as muito úteis, além de práticas, anotações à tradução, valorizam a apresentação da obra e estimulam certamente a leitura atenta. De salientar que a erudição das notas de rodapé, abundantes e de grande precisão científica, e que apresentam também uma fundamentação criteriosa em autores antigos e modernos, proporcionam informações preciosas e pistas de investigação, de que muitos poderão beneficiar em estudos posteriores.

É ainda de louvar a inserção de oito Índices na terceira e última parte da obra. Depois de um Índice de figuras, seguem-se seis Índices onomásticos: dos nomes Gregos-Portugueses e Portugueses-Gregos das plantas e suas partes; dos nomes Portugueses-Latinos e Latinos-Portugueses das plantas e dos animais. A fechar, surge um Índice de Topónimos. A riqueza destes índices remissivos, aliada à erudição dos comentários de grande precisão científica e à profundidade da fundamentação em autores antigos e modernos, fazem desta obra uma referência obrigatória para a história antiga da taxonomia biológica.

Estamos perante uma obra muito bem conseguida, destinada sobretudo a especialistas de âmbito universitário, mas também compreensível e útil ao público culto, cuja leitura se recomenda vivamente. Deve, no entanto, sublinhar-se que o mérito maior deste volume reside na tradução portuguesa da obra grega do “primeiro botânico” que nomeou, definiu e classificou as plantas, mas revela-se também de suma importância pelas numerosas propostas de investigação que pode sugerir num domínio de uma investigação de natureza interdisciplinar semelhante à que foi realizada, com inegável êxito, pelos Professores Maria de Fátima Sousa e Siva e Jorge Paiva.

Trata-se de um estudo que se reveste de enorme importância no panorama nacional e que, graças à divulgação científica facultada pelos *Classica Digitalia*, pode ser consultado em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1193-8>.

José Luis CALVO MARTÍNEZ (2016). *Griego para universitarios. Fonética y fonología, morfología y sintaxis del griego antiguo*. Granada, Editorial Universidad de Granada, 500 pp. [ISBN: 978-84-338-5976-1].

CARLOS DE MIGUEL MORA² (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Não sabemos se o Prof. Calvo Martínez demorou a encontrar o título para esta obra, mas é claro, em qualquer caso, que o escolhido responde perfeitamente às características do trabalho: grego para universitários, pois não se trata de um manual de grego nem (tão só) de uma gramática, mas é muito mais do que isto. Trata-se de uma obra útil para o helenista, seja linguista ou simples leitor de grego antigo, e imprescindível para o estudante universitário que pretenda aprender a língua de Homero, Aristóteles e Eurípides.

Com um sólido conhecimento da gramática descritiva tradicional e de todos os contributos dos estudos históricos de grego antigo, incluindo os que têm a ver com o indo-europeu e com o arcaico dialeto micénico, mas desde modernos pressupostos estruturalistas, o autor descreve em pormenor —acompanhando sempre as descrições com uma séria reflexão — todas as características fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas do grego, centrando-se nos aspetos normativos, mas sem descurar a explicação de qualquer desvio da norma.

A clareza da exposição tem muito a ver com a coerente estrutura do volume. Cada uma das três partes do livro é dedicada a um dos níveis linguísticos mais importantes e tradicionalmente tratados: a fonética e fonologia, a morfologia e a sintaxe; cada uma delas, além disso, é principiada por um capítulo introdutório de carácter teórico onde se estabelecem alguns marcos de referência para a melhor compreensão daquilo que vai ser exposto. Cada parte, dividida, segundo os casos, em secções, capítulos e apartados, vai tratando todos os assuntos em rigorosa ordem e com absoluta exausti-

² cmm@ua.pt